

^{D.F.} Samambaia, cidade-satélite, é plantada a 20 Km de Brasília

23 NOV 1983

Vanda Célia

Brasília — Em uma área de 1 mil 800 Km², a 20 minutos de Brasília, está sendo construída a mais nova cidade do País. Com nome de planta ornamental e capacidade para 300 mil habitantes — o que lhe dá **status** de cidade de porte médio — Samambaia “tentará evitar os equívocos urbanísticos das outras oito satélites de Brasília e terá um padrão convencional, com ruas, esquinas e estruturas voltada para o pedestre, em lugar do automóvel, como é hoje na Capital da República”, disse o Secretário de Viação e Obras do Distrito Federal, José Carlos Mello.

Situada numa região com espaço para receber mais um milhão de habitantes, Samambaia já poderá abrigar seus primeiros moradores em dois anos. Para isto, o Governo federal e o Governo do Distrito Federal estão investindo Cr\$ 11 bilhões, na primeira etapa da infraestrutura, e Cr\$ 700 milhões, na abertura de vias. A fase posterior será a licitação de lotes, nos padrões de compra da faixa de um a cinco salários mínimos, quando os Governos esperam reaver o dinheiro gasto no projeto.

O que ficou

De acordo com o Secretário de Viação e Obras, José Carlos Mello, a preocupação ao se tomar a decisão política de criar a cidade foi manter o planejamento para ocupação do Distrito Federal. O Secretário acha que ainda não há saturação populacional em Brasília, construída para abrigar, em 10 anos, 500 mil habitantes, e hoje, 23 anos depois, com apenas 400 mil. Mas, se Brasília, apenas no plano-piloto, ainda não preocupa, o maior crescimento da população — hoje de 4% ao ano — tem-se verificado nas oito cidades-satélites, onde mora a população de baixa renda.

Segundo estimativa feita a partir do Censo de 80, em apenas duas cidades-satélites (Taguatinga e Ceilândia) vivem hoje quase 1 milhão de pessoas. Criar

possibilidades de moradia para essa população de baixa renda é o objetivo da fundação de Samambaia. Em torno da idéia e viabilizando um projeto de baixos custos, o diretor técnico da Terracap, Luís Alberto Cordeiro, assegura que a nova cidade vai ser feita com materiais baratos, sem os altos custos de construção observados em Brasília.

— Vamos fazer a cidade com pavimentação barata, voltada para o transporte público, onde qualquer morador poderá locomover-se de bicicleta e com abertura para linhas de trens, porque não podemos esquecer o futuro.

Do projeto usado por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer para ocupar Brasília, os 30 técnicos do Governo do Distrito Federal só pretendem manter, em parte, o sistema de setorização: os setores de comércio, bancos e escolas. O Secretário Mello, no entanto, adverte que até a setorização será flexível: “Uma pessoa que visita Brasília tem visão de uma cidade extremamente fria, porque o setor de hotéis não está próximo ou ligado ao de diversões”, exemplificou.

O Governo do Distrito Federal também não vai manter as áreas verdes em Samambaia dentro dos parâmetros aplicados de Brasília: 72m² para cada habitante. Na nova cidade, será considerado o padrão da Organização Mundial de Saúde (OMS), que recomenda apenas 12m² por habitante. No final, o projeto vai ser, segundo Mello, um produto do conhecimento atual de Brasília, onde a planificação previu a moradia para todas as classes sociais. Acontece, de acordo com ele, que “os pobres acabaram expulsos para a periferia, onde nem sempre o projeto original respeitava os seus padrões culturais de vida”.

Sem elitismo

Além de Samambaia, Mello anuncia a construção de núcleos residenciais para

mais de 700 mil habitantes. Eles também serão erguidos no mesmo eixo da nova cidade, ao longo da Rodovia Brasília—Belo Horizonte, mas só haverá definição após o Projeto Samambaia, que servirá de piloto. “É claro”, disse o diretor técnico da Terracap, Luís Alberto Cordeiro, “que cometeremos erros iniciais, e vamos acompanhar a nova cidade para evitá-los no futuro”.

Cordeiro, defensor de pavimentação em tijolos e pedras, para baratear e tornar a obra compatível com a pobreza do país, acha que construir a cidade não significa ignorar a crise econômica: “Vamos agir de forma compatível com a crise, evitando que uma família acabe confinada em um barraco sem infraestrutura, como verificamos hoje na periferia das cidades-satélites, onde a população mais carente não conseguiu adquirir seu lote”.

As demais cidades-satélites foram projetadas de forma excessivamente suntuosas, na opinião do Secretário José Carlos Mello. Uma rua na Ceilândia — que hoje transformou-se numa das maiores favelas do país — tem sete metros de largura, o que torna impossível arborizá-la e pavimentá-la, informa o Secretário. Apesar de admirador do arquiteto Niemeyer e do urbanista Lúcio Costa, Mello acredita que a marca de Brasília ainda é o elitismo — no início da construção houve quadras em padrões modestos e construção de satélites apenas para servirem de dormitórios.

— Samambaia não será uma cidade assim. Ela será compacta e vai procurar servir seus habitantes como as demais cidades convencionais do país — afirmou Mello, há 12 anos morador de Brasília.